1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 7

UMA VISÃO MÍTICA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

Mensagem foi o único livro escrito em língua portuguesa publicado em vida por Fernando Pessoa.

O tema da totalidade do livro reside em Portugal e na sua história. Porém, não se trata de uma simples história de Portugal em verso. Diferentemente, trata-se de revelar o *sentido* providencial e messiânico de Portugal como país de um povo eleito por Deus para, após êxitos (os Descobrimentos e a criação do Império) e fracassos (decadência posterior à perda da independência em 1580), atingir o momento hierofântico, sagrado, de criação do Quinto Império, um império cultural e espiritual.

Constituído por 44 poemas, de número muito variado de estrofes e de ritmos silábicos, *Mensagem* divide-se em três partes, intituladas «Brasão», «Mar Português» e «O Encoberto», correspondentes a um triplo desdobramento de uma visão não positiva, não factual, mas mítica da história de Portugal:

- «Brasão» corresponde à génese longínqua, à formação e à consolidação de Portugal como nação desejada por Deus. Nesta parte se determina poeticamente a «missão» dos Portugueses no mundo como povo messiânico;
- «Mar Português» corresponde à criação do Império Português, entre os séculos XV e XVI um Império material, militar, religioso, territorial e mercantil, que revolucionou a representação geográfica do mundo, desbravando novos mares e identificando novos continentes; no final (os dois últimos poemas), evidencia-se a decadência da Europa após a derrota de D. Sebastião em Alcácer Quibir (1578) e a perda da independência de Portugal (1580) a favor de Espanha;
- «O Encoberto» corresponde à fase de decadência de Portugal entre os finais do século XVI e a contemporaneidade de Fernando

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 8

Pessoa (1888-1935), o século XX, e anuncia para breve a criação de um novo Império pelos portugueses, o derradeiro e definitivo, o Quinto Império, um império espiritual, abundante de justiça e paz.

Assim, em *Mensagem*, a história de Portugal é figurada de um modo *providencialista*, segundo um plano transcendente (superior aos factos históricos positivos) definido pela Providência – Deus, deuses, seres espirituais –, e *messiânico*, elevando o povo português a um plano espiritual redentor e salvador do mundo, uma espécie de «Cristo» profano da humanidade. Destas duas características – história providencial e messiânica – nasce a «mensagem» mítica do livro segundo uma estrutura semelhante à da vida de Cristo, o Messias:

- Como Jesus Cristo, filho de Deus tornado homem para redimir os pecados da humanidade, Portugal, nação do povo eleito, teria sido criado e escolhido por Deus como instrumento sagrado de um novo conhecimento (a descoberta de novos mundos) antropológico (novos seres humanos), unindo a Terra toda numa única representação, a do «globo mundo», iniciando assim a Modernidade. Na primeira parte, *Mensagem* apresenta Portugal como terra sagrada e, na segunda, identifica a sua missão histórica como de natureza religiosa, a formação de um Império material, momento do plano divino para a futura criação do Quinto Império;
- Cumprida a sua missão, Jesus Cristo, crucificado, sofre a agonia e a paixão, o tormento final da sua vida; assim Portugal, cumprida a sua missão, entra em decadência, prolongando uma existência histórica medíocre de cerca de 400 anos;
- Tal como Cristo ressuscita dos mortos, anunciando um novo tempo e a futura vida eterna, permanecendo vivo espiritualmente entre os homens (a «Eucaristia»), até ao seu regresso à Terra, assim Portugal, conservando espiritualmente viva a imagem do último rei do império (D. Sebastião, autor da «Eucaristia Nova»), como exemplo ético sagrado, ressuscitará a antiga glória, criando um novo império, o Quinto Império, não já físico, material, mas espiritual, um tempo de justiça, paz e felicidade universais.

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 9

Neste sentido, *Mensagem* é uma obra poética contaminada por um espírito heróico, determinada por um universo semântico de vocábulos de origem sagrada e destinados a exaltar uma pátria decadente. É, assim, um poema épico, atravessado de tons líricos, subjectivos, sentimentais e íntimos, e elegíacos, de lamentações sobre a glória perdida de Portugal e a necessidade de a ela regressar.

Com efeito, o providencialismo manifesta-se como uma teoria teológico-filosófica que declara aceitar a existência de um plano divino de criação e destino geral do homem, temporalmente desenrolado segundo fases e fins predeterminados. Tal significa a assunção de um plano determinista para Portugal, focalizado em diversas épocas maiores, cada uma das quais concordante com a sua matriz divina e concorrente para um fim último regenerador e purificador (o Quinto Império).

O primitivo título de *Mensagem* foi *Portugal*. Desde os princípios da segunda década do século XX, após o seu regresso da África do Sul, Pessoa ambicionava escrever um livro poético intitulado *Portugal*. Assim, em 1913, redige o primeiro poema, «Gládio», que em *Mensagem* intitula «D. Fernando, Infante de Portugal». Do mesmo modo, no artigo «A Nova Poesia Portuguesa», publicado na revista *A Águia*, órgão do movimento saudosista Renascença Portuguesa, do poeta Teixeira de Pascoaes, Pessoa evidencia já a teoria essencial que animará a escrita de *Mensagem*:

> *E a nossa grande Raça partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço, em naus que são construídas «daquilo de que os sonhos são feitos» [naus espirituais]. E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal antearremedo, realizar-se-á divinamente.*

Eis, em síntese, o universo semântico heróico e sagrado do livro:

- O antigo império material português morreu;
- Os novos Descobrimentos não serão materiais, mas espirituais, superando o espaço;
- No futuro, por via de Portugal, o antigo império ultramarino europeu será substituído por um novo império, divino, o Quinto Império;

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 10

- Os Portugueses serão o instrumento sagrado da criação desse futuro Quinto Império.

Um amigo de Fernando Pessoa alertara-o para a existência de publicidade a uma marca de sapatos que utilizava o *slogan* «Portugalize os seus pés», um plebeísmo que, segundo o poeta, aviltava o sentido emblemático do nome «Portugal». Pessoa desistiu do primeiro título, substituindo-o por *Mensagem*.

A elevação do poema a texto de origem e sentido transcendentes, de cunho revelatório e iniciático, com ambição de transformação salvadora do tecido social de Portugal, postula justamente *Mensagem* como epopeia literária e também como um texto sagrado, criador de um novo sentido para o mundo, à imitação da sua criação por Deus. Por isso, Pessoa acrescentou ao título, na primeira edição do livro, o anagrama «Mens ag/ itat mol/ em», parte de um verso da *Eneida*, de Vergílio, que significa: «A mente anima a matéria [ou as massas, a multidão].» Tal como Deus criara a matéria e lhe imprimira leis e movimento, assim a mente de Pessoa intentaria criar um novo espírito colectivo nacional, superador de uma história de decadência com cerca de 400 anos, imprimindo um novo sentido resgatador e libertador, o da necessidade determinada por Deus da criação de um novo império – o Quinto Império.

O título *Mensagem* consiste na tradução para português da palavra grega «Evangelho» («Boa Mensagem» ou «Boas-Novas»), com o significado de conjunto de histórias e preceitos transformadores do sentido individual e colectivo da vida, como nos «Evangelhos» bíblicos. Assim, *Mensagem* conteria o significado do estabelecimento literário, histórico e sagrado de um novo texto que prestaria um outro e bom sentido futuro à vida colectiva portuguesa, tal como os «Evangelhos» bíblicos tinham contido uma nova religião. Por outro lado, o vocábulo «mensagem» provém etimologicamente do verbo latino *mittere* (lançar, enviar), cujo particípio passado originou «missa» e «missão» em português. *Mensagem* tornaria explícitas, assim, tanto a «missão» dos Portugueses no mundo, uma missão sagrada, como a explanação litúrgica de uma «missa» ao longo da sua história, quanto a necessidade da instauração de novos valores ético-históricos, criadores de uma nova civilização.

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 11

No princípio e no fim, *Mensagem* é envolvido por duas frases em latim:

- «*Benedictus Dominus noster qui dedit nobis signum*» («Bendito seja Deus nosso senhor que nos deu o sinal»);
- «*Valete, Fratres*» («Saúde, irmãos»).

Estas duas frases, bem como o título do livro, prestam-lhe um envolvimento religioso, uma revelação hierofântica, isto é, o anúncio de uma boa-nova sagrada e redentora, transmitida por Deus ao poeta como *signum* e que este teria escrito para activar a união dos «irmãos» em ordem à instauração para breve do plano providencial de Deus, o Quinto Império.

Deste modo, *Mensagem* constitui-se como um texto:

- Nacionalista, no sentido da superação da decadência de Portugal e da redenção ética e sagrada da humanidade;
- Religioso, por exprimir um sentido histórico providencial, transcendente e sagrado para Portugal;
- Messiânico, destinado a «avisar» ou alertar os «*Fratres*», a quem supostamente o livro é em particular dirigido, os que compreendem o sentido da «mensagem» ou do «*signum*» divino, que devem preparar-se espiritualmente, como verdadeiros novos apóstolos, para o advento do Quinto Império. *Mensagem* «avisa» ou anuncia para breve o regresso da figura carismática e mítica de D. Sebastião, «O Encoberto», revelado na figura d'«Aquele» que guiará Portugal na criação de um novo império, espiritual, a «Índia nova», «de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal antearremedo».

Assim, se Camões retrata o Portugal da primeira metade do século XVI em *Os Lusíadas*, *Mensagem*, retratando toda a história nacional, perspectiva uma visão triunfante para o futuro de Portugal após o desvelamento d'«O Encoberto», D. Sebastião redivivo, isto é, d'«Aquele» que assumirá no futuro as qualidades éticas, santas e heróicas de D. Sebastião, conduzindo Portugal ao advento do Quinto Império.

Como se constata, Pessoa privilegia, neste livro, como na maioria dos seus textos ensaísticos, não a história positiva, factual, mas a

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 12

mítica ou maravilhosa, constituída por fragmentos de antigas teorias filosóficas, como a cabalística judaica, a rosacruciana, a astrológica, a histórica maçónica e as diversas escolas esotéricas e herméticas. *Mensagem* é justamente enroupada pelo cruzamento destas teorias, usadas fragmentariamente e sem completa adesão a qualquer delas, com o imaginário medieval da «Matéria da Bretanha» (a história do rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda) e com o imaginário medieval caracteristicamente português (espírito de Cruzada, existência de «Ilhas Afortunadas», medos de monstros marinhos), originando, assim, um texto fantasiosamente híbrido, nem real nem irreal, nem histórico nem fantástico, nem verdadeiro nem falso, nem descritivo nem inventado, nem concreto nem ilusório, a que designamos, por falta de outro nome, *narrativa mítica*, evidenciando, assim, as suas constitutivas características de texto que, para além de englobar simultaneamente todas aquelas qualidades contraditórias no plano do maravilhoso, as eleva a um nível providencial, transcendente, sagrado e messiânico.

Do *maravilhoso*, dão conta os poemas assentes no sobrenatural, no fantástico, no prodigioso, no miraculoso, no assombroso, próprios do tema da epopeia, a que, em *Mensagem*, acresce um lirismo sentimental muito pronunciado.

O maravilhoso, unido a teorias esotéricas, dando conta da revelação de realidades históricas e sagradas ocultas (D. Sebastião, Quinto Império), origina a *narrativa mítica*, integradora da contradição, do paradoxo, da antítese, do fantástico, do sobrenatural, do transcendente, numa explicação articulada e coerente (ainda que constituída por elementos contraditórios entre si) sobre um certo tema. Neste caso, como vimos, reside na história de Portugal e na missão redentora da figura histórica de D. Sebastião, como um novo Cristo profano, porta de entrada para a emergência do Quinto Império, momento de realização plena da história.

Seguimos a edição da *Mensagem* de Fernando Cabral Martins, publicada pela editora Assírio & Alvim em 2012.

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 13

MENSAGEM

BENEDICTUS DOMINUS DEUS
NOSTER QUI DEDIT NOBIS SIGNUM

(Bendito seja Deus nosso senhor
que nos deu o sinal)

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 14

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 15

PRIMEIRA PARTE

BRASÃO

BELLUM SINE BELLO

(Guerra sem guerra)

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 16

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 17

Contradição explícita, a epígrafe «Guerra sem guerra» indicia que a criação de Portugal, ao longo do período de formação territorial, entre o conde D. Henrique e o rei Afonso III, e, posteriormente, da formação do Império, residiu numa história guerreira, animada por ordens religiosas militares, batalhando continuamente pela conquista de cidades e fortalezas mouras, pela descoberta de novos continentes, pelo domínio militar de povos não cristãos, pela submissão mundial de populações nativas com leis e costumes não europeus. Porém, toda esta contínua «guerra» pela formação de um Império territorial, mercantil, assente em cercos guerreiros e fortalezas militares, se destinava à criação de um novo império, espiritual, sagrado, de onde fosse definitivamente erradicada a «guerra».

«Guerra sem guerra» significa igualmente, tanto do ponto de vista individual quanto universal, a luta («a guerra») da razão e do espírito contra a força dos instintos animalescos e a força bruta, numa espiritualização ascendente em direcção à criação de um homem e de uma humanidade eticamente justos e socialmente pacíficos, reinantes no futuro Quinto Império.

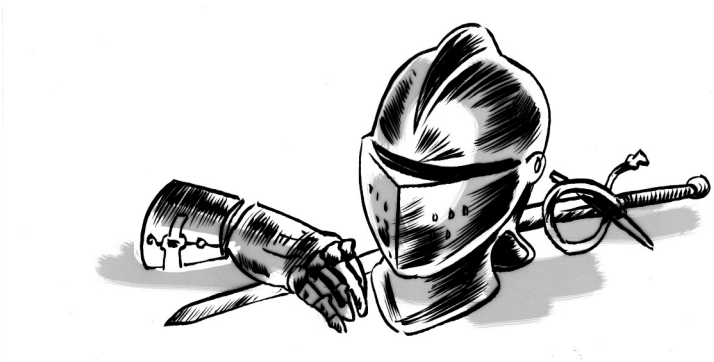
«Brasão», primeira parte de *Mensagem*, é constituído por 19 poemas, subdivididos em cinco secções («Os Campos», «Os Castelos», «As Quinas», «A Coroa» e «O Timbre»), reproduzindo, não a bandeira de Portugal, mas o brasão ou o estandarte do infante D. Henrique.

Neste sentido, os 19 poemas revelam, progressivamente, a criação mítica de Portugal («Ulisses») e as características indómitas dos Portugueses («Viriato»), a afirmação do território de Portugal como terra sagrada, animada por seres superiores escolhidos por Deus (a galeria de figuras «heróicas» ou «santas»), a consolidação da independência de Portugal na crise sucessória de 1383/1385, o nascimento e a acção da Ínclita Geração, os filhos de D. João I e de D. Filipa de Lencastre,

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 18

e a expansão ultramarina através da criação de um império material e militar (os três últimos poemas).

Toda esta primeira parte se destina a estabelecer Portugal enquanto novo ser colectivo na Europa (primeiro poema), cuja missão sagrada, alterando radicalmente a representação geográfica e antropológica do mundo dos europeus, se eleva a um plano divino e transcendente na criação de um novo império no mundo (sobretudo, as três últimas figuras históricas que definem o ser mitológico «O Grifo» – final da primeira parte).



1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 19

PRIMEIRO
O DOS CASTELOS

A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.

FIGURAÇÃO MÍTICA DE PORTUGAL NA EUROPA

Fita, com olhar sfíngico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

A palavra «jaz» nos primeiro e segundo versos da primeira estrofe representa o estado político da Europa na Idade Moderna, momento máximo da sua expansão ultramarina (séculos XVI e XVII), criadora de uma nova representação geográfica da totalidade da Terra, senhora de amplos territórios do «Oriente a Ocidente»:

- O passado: «românticos cabelos/ Olhos gregos lembrando»: a Grécia, criadora do espírito europeu;
- O presente: a Europa apoia-se sobre a Itália (criadora do Renascimento, momento final do domínio do cristianismo medieval, ou o III Império) e a Inglaterra (moderna civilização mercantil, identificada, segundo Pessoa, com o IV Império);

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 20

- Entre o passado e o presente, ergue-se o rosto de Portugal, cuja empresa dos Descobrimentos (séculos XV e XVI), vencendo medos ancestrais, atravessou ousadamente os mares e desvelou novos mundos a Oriente e a Ocidente, revelando a Terra como um arquipélago de continentes unidos segundo a figura de um globo. Por isso, historicamente, o rosto com que a Europa «fita» o exterior do seu território só pode ser o de Portugal;
- Futuro: Se Portugal se tornou, no passado, por mérito histórico próprio, o «rosto» da Europa, e, posteriormente, por bloqueios vários, se estatuiu como uma nação decadente desde o desaparecimento d'el-rei D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir (1578), no futuro ressurgirá como nação superior, escolhida por Deus para a instauração do Quinto Império: Portugal «Fita, com olhar sfíngico [sagrado, divino, intemporal, redentor] e fatal [impositivo por selo divino, alterando radicalmente a história futura da Europa],/ O Ocidente, futuro do passado», isto é, de novo, através de Portugal («O rosto com que fita é Portugal»), a Europa, continente abastado mas historicamente decadente desde a emergência do protestantismo (divisão do Cristianismo) e do final do império ultramarino inglês, ressurgirá com a dimensão notável e ilustre que possuiu no passado por via da futura instauração do Quinto Império, do qual, como se verá, Portugal será o instrumento realizador.

  Neste sentido, o poema introdutório de *Mensagem* sintetiza em doze versos simples e líricos a totalidade da «mensagem» presente no livro: no passado como no futuro, Portugal assume na Europa o papel de país escolhido por desígnio divino. No passado, revelando a unidade da Terra, unindo continentes, povos e culturas através da ousadia dos seus marinheiros e da majestade do seu império; no futuro, assumindo a figura de nação messiânica, propiciadora da instauração do Quinto Império.

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 21

SEGUNDO

O DAS QUINAS

Os Deuses vendem quando dão.
Compra-se a glória com desgraça.
Ai dos felizes, porque são
Só o que passa!

Baste a quem basta o que lhe basta
O bastante de lhe bastar!
A vida é breve, a alma é vasta:
Ter é tardar.

MISSÃO SAGRADA DE PORTUGAL

Foi com desgraça e com vileza
Que Deus ao Cristo definiu:
Assim o opôs à Natureza
E Filho o ungiu.

Apresentada a missão civilizacional de Portugal no primeiro poema, missão que, partindo do tempo histórico, o supera, unindo o passado ao futuro, no segundo poema Pessoa sela-a com o cunho do sagrado, evidenciando assim a marca epopeica da totalidade do livro. Declara que não foram os homens e a história política os criadores do destino da Europa e de Portugal, mas os «deuses», que seleccionaram homens superiores, apresentando deste modo os «heróis» cantados nas restantes quatro secções desta primeira parte, todos intitulados com nome próprio, independentemente de serem considerados figuras míticas, como Ulisses, ou historicamente reais, os restantes. Elevados à representação de heróis, portadores de um destino diferente e superior, sagrado, ganham, porém, «a glória [a fama, a imortalidade histórica] com desgraça», isto é, destacam-se da vida quotidiana e das suas mordomias

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 22

de conforto, de poder e de riqueza, atributos normais dos homens «felizes», que vivem numa «mediocridade dourada» (Horácio): «Ai dos felizes, porque são/ Só o que passa!», ou seja, vivem do e para o presente.

A segunda estrofe, jogando com paradoxos semânticos, constitui o remate conclusivo da primeira, afirmando que o império do *Ter* ou da vida normal, comum, confere apenas uma felicidade vazia, efémera, face ao *Ser*, à criação de um destino singular, à vida dos «heróis», relembrados na terceira estrofe através de Cristo, exemplo máximo da civilização ocidental, «Filho» de «Deus» abençoado («ungido») «com a desgraça e a vileza».

Penetrar na história, elevando-se à figura de «herói», exige a vivência de um sofrimento idêntico ao de Cristo. Por isso, favorecidos pelos «Deuses», os «heróis» não ganham a «glória» gratuitamente, ganham-na com a «desgraça».

O exemplo de Cristo apresentado na terceira estrofe é totalmente apropriado devido à analogia entre as cinco quinas do Brasão e as cinco chagas de Cristo na cruz (nos dois pés, nas duas mãos e uma no peito).

Em conclusão, pertencer à história, ser criador ou continuador de nações e impérios, exige o abandono da vida simples e uma entrega absoluta ao destino concedido por Deus, recusando a vivência hedonista do dia-a-dia. Assim foi a vida das 16 figuras a seguir representadas.

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 23

PRIMEIRO
ULISSES

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo –
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

PRIMEIRA FIGURA ARQUETÍPICA
DO PORTUGUÊS: A ERRÂNCIA

Ulisses, figura literária da *Odisseia*, de Homero, veio do mar, onde errou durante dez anos; do mar criou Ulissabonis, isto é, Lisboa, e ao mar retornou, buscando Ítaca, sua ilha natal.

Primeiro poema desta segunda secção e primeiro «herói» apresentado, «Ulisses» encarna simbolicamente a essência dos Portugueses, que do mar incerto e errante construíram igualmente a sua identidade cultural e histórica, buscando uma nova «Ítaca» ao longo dos territórios do Império: primeiro, os arquipélagos adjacentes; depois, o Cabo Bojador e o Cabo das Tormentas; e finalmente a Índia e o Brasil. Bartolomeu Dias morreu no mar, enterrado no extremo Sul de África;

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 24

Vasco da Gama, em Cochim; D. Francisco de Almeida, no Sul de África, lutando contra nativos; Afonso de Albuquerque, num navio no Índico; D. Sebastião, no Norte de África; e Camões errou durante 17 anos pelo Oriente...

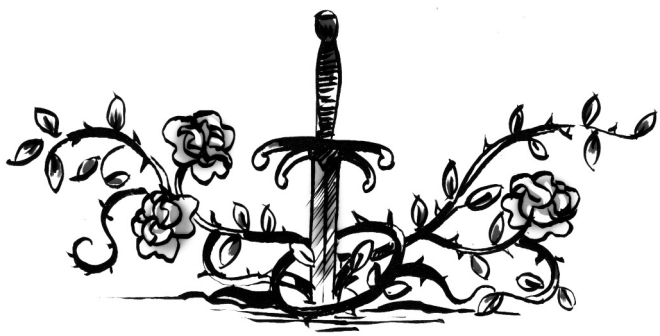
O oxímoro do primeiro verso («O mito é o nada que é tudo») indica ser a força do espírito superior à força das circunstâncias históricas. Embora não possua existência material, concreta, o mito, porém, sendo apenas uma narrativa sobre as origens, os modos de vida ou os fins de uma comunidade, penetra a «realidade,/ E a fecundá-la decorre», de um modo mais profundo do que o calculismo da razão, estabelecendo o sentido maravilhoso, não lógico, não racional, mas articulado e coerente da vivência dos homens. Por isso, verdadeiramente, do ponto de vista da história real e positiva, o mito parece ser um «nada». Porém, de uma perspectiva espiritual, justificando de um modo maravilhoso, fantástico e sobrenatural a existência dos povos, torna-se um verdadeiro «tudo» que fecunda a realidade, dando-lhe força, direcção e sentido. Por isso, Pessoa desejou ser «um criador de mitos. Que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade»: ser criador do modo de pensamento pelo qual se interpreta a realidade, se dá sentido à história individual e se integra esta na vida colectiva.

Neste sentido, Pessoa recuperou do passado de Portugal o mito do rei D. Sebastião, cuja possível morte em Alcácer Quibir bloqueou o império material construído nos séculos XV e XVI e, por via da perda da independência, em 1580, forçou Portugal a quatro séculos de decadência histórica. Ao longo deste período, reinou na mente dos Portugueses o desejo da emergência de uma figura messiânica que devolvesse a Portugal a glória dos tempos passados, criando um império novo de paz e justiça, já não material, militar e mercantil, mas sobretudo espiritual e cultural: o Quinto Império.

Com o poema «Ulisses» a oferecer-se como abertura das seguintes 15 figuras, Pessoa regressa à mais longínqua e mítica origem de Portugal, a fundação de Lisboa pelo herói grego Ulisses, que, ainda que nunca tivesse aportado no Tejo e, mesmo, ainda que só tivesse existido como mito («Foi por não ser existindo./ Sem existir nos bastou./ Por não ter vindo foi vindo/ E nos criou»), se tornou ontologicamente mais real do que a própria realidade sensível e concreta com que se saciam os homens «felizes» do poema anterior.

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 25

Assim, Portugal teria sido fecundado pelo mito da errância marinheira de Ulisses antes mesmo de ter sido historicamente fundado por D. Afonso Henriques, transmitindo deste modo à sua futura população a índole do nomadismo, da ousadia no que respeita a desbravar mares incógnitos, do ímpeto de busca do desconhecido – a capacidade de superar os mais temíveis obstáculos, que séculos mais tarde se activarão aquando da empresa dos Descobrimentos. Ulisses representa, portanto, na economia desta primeira parte, a imagem arquetípica de Portugal, o Portugal permanente, que sobrevive para além das múltiplas conjunturas da história.



1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 26

SEGUNDO
VIRIATO

Se a alma que sente e faz conhece
Só porque lembra o que esqueceu,
Vivemos, raça, porque houvesse
Memória em nós do instinto teu.

Nação porque reincarnaste,
Povo porque ressuscitou
Ou tu, ou o de que eras a haste –
Assim se Portugal formou.

Teu ser é como aquela fria
Luz que precede a madrugada,
E é já o ir a haver o dia
Na antemanhã, confuso nada.

SEGUNDA FIGURA ARQUETÍPICA DO PORTUGUÊS: OUSADIA E HUMILDADE

Não existe prova histórica de continuidade de «raça» entre os lusitanos, comandados por Viriato entre 147 e 139 a. C., e o futuro reino de Portugal. Do mesmo modo, não existe prova histórica de uma possível ligação entre Viriato e os Portugueses. Porém, perfazendo a construção do mito aludido no poema anterior, Pessoa considera (mítica, não historicamente) a figura de Viriato a «antemanhã, confuso nada» da origem longínqua de Portugal. Tal como este teve de impor a sua independência ao reino vizinho de Leão e Castela, também aquele, num esforço abnegado e malogrado, ousou manter a independência dos territórios da Lusitânia relativamente a Roma. Logo, o mesmo «instinto» rácico (étnico) teria animado a luta de Viriato e a luta dos Portugueses. Portugal teria «reincarnado» ou

SPQR

1Parte_Layout 1 30-07-2013 00:40 Page 28

«ressuscitado» a «haste» (o carácter guerreiro independentista) de Viriato («Assim se Portugal formou»).

Viriato estatui-se, na economia de *Mensagem*, como o prenúncio da existência futura de um povo tão guerreiro, humilde e corajoso como ele o fora, lutando desproporcionadamente em homens e armas contra as legiões romanas. E, de facto, os Portugueses lutarão contra as medonhas tempestades marítimas e as hostes volumosas de infiéis: «Teu ser [a figura de Viriato] é como aquela fria/ Luz que precede a madrugada/ É já o ir a haver o dia».

Neste sentido, a figura de Viriato, tal como as lendas e o mito nos legaram, um pastor rude, austero, humilde, valente, carismático, corresponderia à imagem arquetípica dos Portugueses, povo rude, frugal, estóico, humilde, ousado, capaz de se aventurar tão intrepidamente por mares desconhecidos como os lusitanos contra as hostes romanas.